



**REVISTA ELETRÔNICA DISCENTE HISTÓRIA.COM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS**

**PRIMEIROS APONTAMENTOS PARA LEGITIMAR ILHÉUS NA
HISTORIOGRAFIA DO SURFE DA BAHIA**

Marcial Cotes¹
Dirceu Góes²

Resumo

O artigo teve como objetivo legitimar o surfe ilheense e seus atores na historiografia do esporte da Bahia. O propósito foi investigar analogias e divergências entre: a história do surfe de Ilhéus e o artigo Vaca Longa, repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia de Cleber Dias. Para tanto, utilizou-se da metodologia de pesquisa documental e entrevistas abertas. Neste sentido, foram utilizados periódicos disponíveis no Centro de Documentação (CEDOC) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e o acervo particular de Paulo Cezar Campos de Souza. Apesar do processo embrionário da pesquisa, foi possível identificar similitudes e divergências. Não obstante, entende-se que é necessária continuidade na investigação para aprofundamento da análise de todo o material disponível e das entrevistas realizadas.

Palavras-chave: Historiografia. Surfe. Ilhéus. Bahia

1973 / 2013 – 40 anos de história do surfe ilheense

Em 2013 o surfe ilheense completou 40 anos de história. Haja vista o trabalho de Cleber Dias denominado “Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia ³”, surgiu a necessidade de situar a importância de Ilhéus no cenário do surfe baiano, no sentido de pôr a cidade e seus protagonistas no devido lugar.

Este trabalho tem como propósito trazer apontamentos do surfe ilheense e sugerir analogias com o surfe soteropolitano, a partir da historiografia do esporte. É premente afirmar que essa pesquisa terá outros desdobramentos, não se esgotando neste manuscrito

¹ Professor Assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) / Bolsista Capes. Integrante dos Grupos de Pesquisa de Biologia de Dossel e Núcleo de Pesquisa em Pedagogia do Esporte (NuPPE) mcotes@uesc.br.

² Professor Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). dirceugoes@uesb.edu.br

³ DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

que tem como intenção, primordial, “descer a primeira marola” que colocou a Terra de Jorge Amado no cenário do surfe brasileiro.

Nesse sentido, a metodologia adotada para este objetivo foi de pesquisa documental e entrevista aberta ^{4 5}. A “marola dropada, e ainda em andamento na parede da onda” teve como objeto, pesquisa documental nos periódicos disponíveis no acervo do Centro de Documentação (CEDOC) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), localizada na cidade de Ilhéus, Bahia e nos arquivos pessoais de Paulo Sergio Campos de Souza, vulgo Pauletty. Além de entrevista aberta aplicada em três dos quatro protagonistas da história do surfe na Terra do Cacau ^{6 7 8}.

Diferente dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e Salvador, onde os moradores dos bairros da periferia tinham dificuldade de acesso à zona sul/orla da cidade ⁹, Ilhéus na década de 70 do século passado era uma pequena cidade litorânea, baseada na monocultura do cacau que escoava em larga escala pelo porto. Nesta época, o mergulho – caça submarina – e o remo eram as manifestações de aventura em áreas naturais que predominavam em Ilhéus, caracterizada pelo uso do mar como cenário para suas práticas ^{10 11}. Nesse aspecto de configuração da cidade, pode-se sugerir que ao contrário de Salvador, a cidade propiciava a todos os seus habitantes contato íntimo com a orla, pois cresceu a partir desta.

Na frente do Edifício Santa Clara localizado na Avenida Soares Lopes, no ano de 1973, foi que ocorreram os primeiros deslizamentos sobre ondas de pé em pranchas, segundo Cezar Falcão, Dirceu Góes e Pauletty ou Paulo Lee – referencia a calça Lee que usava na época ^{12 13 14}. Dirceu afirma que foram Cezar Falcão, Pauletty e Washington Soledade os primeiros

⁴ CARDOSO, C. F. S.; BRIGNOLI, H. P. *Os Métodos da História*. 6 ed. Trad. de João Maia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

⁵ BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2010.

⁶ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

⁷ FALCÃO, Cezar. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 fev., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

⁸ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

⁹ DIAS, Cleber. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

¹⁰ VELOSO, Raimundo. Satélite vai promover segunda regata. *Diário da Tarde*. Ilhéus, 9 de mar., caderno esportes, p. 6, 1974 a.

¹¹ VELOSO, Raimundo. Pescou canapú de 100 quilos. *Diário da Tarde*. Ilhéus, 14 de mar., caderno esportes, p. 6, 1974 b.

¹² FALCÃO, Cezar. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 fev., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

¹³ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

a vivenciarem essa experiência¹⁵. Pauletty alega que na época frequentava este trecho da orla em companhia do seu irmão mais velho, e enquanto este jogava futebol – gol a gol –, ele mais jovem que o irmão deslizava nas ondas de peito com prancha de mão feita de madeira tipo palmar ou de “planamo” – isopor¹⁶.

Foi Washington Soledade quem descobriu a primeira prancha de “madeirite” – compensado – guardada na garagem do casal Dona Tereza e Giba Badaró. E, depois de muita “lábria” conseguiu o empréstimo do equipamento^{17 18}. Em uma manhã no verão de 1973, Washington Soledade e o amigo Cezar Falcão descem a Ladeira do Café carregando a prancha, no meio do caminho junta-se a eles Pauletty, morador da esquina na mesma rua¹⁹. Segundo afirmam, necessitava mais de uma pessoa para carregar a prancha, além de ficar quase totalmente submersa na água, dificultando bastante às tentativas de dropar as ondas, na frente do Edifício Santa Clara^{20 21}.

A prancha de “madeirite” mono quilha que chegou a Ilhéus, e posteriormente nas mãos dos três amigos surfistas foi trazida por George Antero, atualmente cirurgião plástico residente no México²². George não tinha e não teve em seus hábitos a cultura do surfe^{23 24}. Vindo de férias da cidade do Rio de Janeiro – nesta época o cacau representava aproximadamente 65% do Produto Interno Bruto da Bahia, e os filhos de cacauicultores tinham como hábito estudar no Rio de Janeiro o que traduzia em uma relação mais próxima com o Rio de Janeiro, em detrimento de Salvador –, desce no aeroporto de Ilhéus vestido com colar havaiano, pareô e na bagagem a prancha de “madeirite”²⁵. Este fato

¹⁴ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

¹⁵ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

¹⁶ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

¹⁷ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

¹⁸ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

¹⁹ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

²⁰ FALCÃO, Cezar. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 fev., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

²¹ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

²² GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

²³ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

²⁴ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

²⁵ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

traz nexos com a história do surfe no Rio de Janeiro, pois segundo Dias²⁶ o proprietário da primeira prancha de fibra que chega às praias cariocas, Russel Coffin aluno do Colégio Americano, também não tinha nos seus hábitos culturais a prática do surfe.

Não obstante, o momento primordial para o surfe de Ilhéus dropar ondas maiores foi a chegada em 1973 na cidade, da primeira prancha de fibra de vidro da marca Twin, com histórico desviante, no sentido do lazer²⁷ e do ato que proporcionou seu advento até as marolas ilheenses. Este episódio descrito por Dirceu traz analogias com a historiografia do surfe em Salvador, pois assim como na capital, a prancha foi literalmente desviada do seu proprietário. Dirceu narra que seus primos residentes na cidade de Santos, ao perceberem uma prancha de fibra deixada na areia, sorrateiramente enterraram o objeto do desejo no mesmo local, para a ulterior irem desenterrá-la e levá-la para casa, e posteriormente mandaram o equipamento de Kombi para Ilhéus pelo tio²⁸.

O histórico desviante da prancha Twin não permitia sua utilização em ondas santistas, característica análoga com o surfe soteropolitano. À vista disso, segundo Dias²⁹ Jorge Hupsel frequentador assíduo da praia do Rio Vermelho, pediu emprestada a prancha de fibra de dois norte-americanos que na época se estabeleceram na circunvizinhança da sua residência. E, após ter o equipamento em mãos – episódio este narrado por Fredão – viajou para uma fazenda localizada no interior do estado, somente retornando com a prancha, após ter certeza dos norte-americanos já terem partido das praias soteropolitanas.

Em analogia a Salvador, a prancha da marca Twin foi encaminhada para Ilhéus com o objetivo de ficar longe do seu proprietário e sob a guarda de Dirceu, para ser desfrutada no verão ilheense de 1974³⁰. Foi este incidente com essa prancha Twin, na opinião de três dos quatro protagonistas do surfe ilheense, entrevistados para elaboração deste manuscrito, determinante à ascensão do surfe na cidade^{31 32 33}.

²⁶ DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

²⁷ PIMENTEL, Giuliano. G. A. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* (Online), v. 35, n.3, p. 687-700, 2013.

²⁸ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

²⁹ DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

³⁰ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

³¹ FALCÃO, Cezar. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 fev., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

³² SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

³³ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

No julgamento dos seus protagonistas, o surfe ilheense assemelha-se ao soteropolitano pela influência do seu desenvolvimento, pois acreditam ter sido a prancha com origem desviante trazida de Santos no litoral paulista, que possibilitou a evolução do esporte na cidade. O que sugere a influência de Santos na ascensão do surfe de Ilhéus e não o caminho normal sofrendo influência de centros mais desenvolvidos em direção aos menos desenvolvidos ou da capital Salvador. Assim como Salvador que não teve influência de grandes centros urbanos no desenvolvimento do esporte³⁴.

Segundo os entrevistados para essa pesquisa, o primeiro campeonato realizado em praias ilheenses aconteceu no ano de 1975^{35 36 37}. Ainda assim, após minuciosa busca nos periódicos do CEDOC da UESC e no material disponibilizado gentilmente por Pauletty, não foi possível obter nenhuma matéria que retrata este primeiro evento. Não obstante, no ano de 1976 já é possível ver estampadas nas páginas dos Jornais Diário da Tarde e Ilhéus Jornal, as primeiras matérias da presença do surfe nas praias de São Jorge dos Ilhéus.

A primeira loja e oficina de pranchas de surfe de Ilhéus foi aberta no local onde hoje funciona a Academia Fama, ao lado do quartel do Exército. No bairro na atualidade denominado de Cidade Nova com o nome de Marolla (Foto 1). Alusão a marca de parafina amplamente utilizada na época (Foto 2). Nos relatos de Pauletty, consta que quando não estavam na loja deixavam um recado na porta escrito “estamos no mar”³⁸.

Algumas curiosidades são pertinentes trazer para mostrar o quanto inovador e admirável foi o esporte para a população local. Na edição de sábado/domingo 21 e 22 de fevereiro de 1976 o jornal Diário da Tarde, traz estampado entrevista com algumas das personalidades da sociedade ilheense, onde se pode ler nos comentários

NA PRAIA E CHEGAR E CURTIR

Verdadeiras acrobacias, especializadas e lindas coreografias de como se fossem bailarinos famosos faz com que se ouça todas as tardes na praia do Vezúvio:

“Belíssimo esporte. Nossa juventude necessitava disso para dar evasão aos seus impulsos de agressividade.” Professor Luiz Carilo.

“Que belo esporte. Não restam dúvidas que é uma grande higiene mental para os que assistem a ela.” Dr. Nelson Costa, assíduo apreciador nas caladas tardes ilheenses.

“O surf dá um colorido e um espetáculo todo diferente às praias de Ilhéus. Surf é turismo.” Raimundo (Popof) Kruschewsky.

³⁴ DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

³⁵ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

³⁶ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

³⁷ FALCÃO, Cezar. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 fev., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

³⁸ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

“Que beleza ver o deslize de másculos rapazes nas ondas verdes deste Atlântico Sul.” Do renomado artista ilheense Pedro Matos ³⁹.



Foto 1. Oficina de prancha Marola da década de 70 do século XX, fotografia de autoria de Washington Soledade. Arquivo pessoal de Paulo Sergio Campos de Souza.

Em matéria vinculada no mesmo jornal em 26 de março de 1976, traz o título “*Surf: uma realidade em Ilhéus*” com um “*Apelo dos surfistas*” ⁴⁰. Onde os praticantes da modalidade apontam a necessidade da construção de uma rampa de acesso à praia no ponto denominado Ilha dos Surfistas

Solicitamos das autoridades competentes que na Ilha dos Surfistas (Praça da Igreja São Sebastião) seja construída uma rampa de acesso á praia para evitar que as pedras ali existentes seja utilizada como sanitário público, ao mesmo tempo facilitar a nossa descida. Desde já agradecemos pelo que for feito.

A mesma matéria vincula o que segundo os surfistas locais da época é uma sensação inexplicável “*O momento mágico para todo surfista é quando se consegue entubar.*” Além de nomear alguns dos praticantes do esporte daquele período na cidade: Waldeck, Herval PT, Albertinho, Galego, Guta, Roy, Gato, Jonga Nora, Quincas, Angelito, Joca, Paraizo, Pantera, Garry Lopes, além dos protagonistas: Cezar Falcão, Dirceu Góes, Pauletty e Washington Soledade.

³⁹ DIÁRIO DA TARDE. *Na praia é chegar e curtir*. Ilhéus, 21 e 22 de fev., Sábado e Domingo, p. -, 1976 a.

⁴⁰ DIÁRIO DA TARDE. *Surf: uma realidade em Ilhéus*. Ilhéus, 26 de mar., Sexta-Feira, p. -, 1976 b.



Foto 2. Marca de parafina utilizada na década de 70 do século XX. Foto do arquivo pessoal de Paulo Sergio Campos de Souza.

Essas matérias dão o tom da novidade que chamava atenção no início de 1976, ano que ocorreu o II Festival de surfe ilheense. O festival foi realizado nos dias 24, 25 e 26 de junho de 1976, amplamente divulgado nos jornais Diário da Tarde e Ilhéus Jornal⁴¹.

Na semana posterior ao festival, ambos os jornais trouxeram a cobertura do evento e a classificação final. É possível sugerir que a divisão entre competidores soteropolitanos e ilheenses, teve dois propósitos: não haver uma hegemonia dos competidores soteropolitanos e estimular os surfistas locais para elevar o nível técnico. Haja vista que o esporte em Salvador já era praticado desde a década de 60 do século XX⁴². Independente desta distinção, e sem tirar o brilho dos atletas ilheenses, a classificação final na classe júnior para competidores de Ilhéus foi em 1º lugar Guta e 2º Taty. Na mesma classe, para atletas de Salvador o resultado apontou em 1º Tourinho e 2º José Eduardo. Já na classe sênior para ilheenses o 1º lugar ficou com Pauletty e em 2º José Marcos e para os soteropolitanos em 1º lugar ficou Popó e em 2º Demetrius.

Outrossim, como na análise do surfe em Salvador empreendida por Cleber Dias⁴³, Ilhéus tem na história do esporte um ar burlesco, que podemos caracterizar também de desviante. Além de poder sugerir que o surfe ilheense apresenta suas nuances. Em Salvador, Dias⁴⁴ em sua análise evidencia que o surfe se desenvolveu em vários locais da

⁴¹ ILHÉUS JORNAL. *Surf: uma realidade em Ilhéus*. Ilhéus, 26 de mar., 1976.

⁴² DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

⁴³ DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

⁴⁴ DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

orla como: na Barra, em Ondina e no Rio Vermelho. O que não ocorreu em Ilhéus, pois sugere-se que em decorrência das características de cidade pequena, voltada para o comércio portuário o surfe ilheense no início se limitou a Av. Soares Lopes.

Salvador tal como Rio de Janeiro traz na historiografia do surfe, rastros de interações ou influências de estrangeiros ⁴⁵ ⁴⁶. Nas praias soteropolitanas a prancha desviada dos norte-americanos por Jorge Hupsel ⁴⁷. No caso do Rio de Janeiro, o contato com estrangeiros e pilotos da Panair – subsidiária de uma companhia americana que operou no Brasil ⁴⁸. Além da prancha do aluno do Colégio Americano Russel Coffin utilizada pelo australiano Peter Troy para fazer manobras nas praias da zona sul, considerado o divisor de águas do surfe brasileiro. Apesar de Dias ⁴⁹ fazer restrições a importância de Troy no cenário do surfe carioca, o que o autor entende ser um "*culto dogmático a este personagem parece a reprodução cega dos paradigmas historiográficos que superdimensionam a ação de indivíduos isolados em detrimento do acúmulo de experiências cotidianas* (p. 112)."

Em Ilhéus, a onda dropada não teve influência estrangeira, mas da prancha Twin genuinamente santista. Neste aspecto, a Twin de Ilhéus – de *pedegree* santista –, viabilizou a aderência ao surfe pela facilidade propiciada pelo equipamento adequado, ao possibilitar habilidade e agilidade nas manobras ⁵⁰ ⁵¹. Assim como no Rio de Janeiro, onde houve um aperfeiçoamento das pranchas por um marceneiro naval, fato anterior as manobras de Peter Troy no equipamento de Russel Coffin ⁵².

Espera-se que com este manuscrito e outros trabalhos que estão em andamento, o surfe de Ilhéus possa registrar sua importância no cenário da historiografia do esporte da Bahia. E com as demais pesquisas que estão "esperando a série em *out side*," o surfe ilheense possa dropar ondas maiores no cenário nacional.

⁴⁵ DIAS, Cleber. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

⁴⁶ DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

⁴⁷ DIAS, Cleber. Vaca Longa: repensando a historiografia brasileira do esporte a partir do surfe na Bahia. *Recorde Revista de História do Esporte*, v. 4, n. 2, dez., 2011.

⁴⁸ DIAS, Cleber. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

⁴⁹ DIAS, Cleber. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

⁵⁰ GÓES, Dirceu. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 8 dez., 2013. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

⁵¹ SOUZA, Paulo Sergio Campos de. *História oral do surfe na cidade de Ilhéus*, Bahia. Ilhéus, 27 jan., 2014. Entrevista Concedida a Marcial Cotes.

⁵² DIAS, Cleber. *Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.